

RELÓGIO D'ÁGUA

A MINHA LUTA:2

**UM HOMEM
APAIXONADO**

**KARL OVE
KNAUSGÅRD**

Um Homem Apaixonado

A Minha Luta: 2

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

© 2009, Forlaget Oktober as, Oslo
All rights reserved

Título: Um Homem Apaixonado — A Minha Luta: 2

Título original: *Min Kamp. Andre Bok* (2009)

Autor: Karl Ove Knausgård

Tradução (do inglês): Miguel Serras Pereira

Esta obra foi traduzida a partir da edição inglesa de Don Bartlett,
My Struggle: 2 — A Man in Love, publicada em 2013.

Copyright da tradução inglesa © Don Bartlett, 2013

Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho

Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre fotografia do autor
por Andre-Loeyning

© Relógio D'Água Editores, Maio de 2015

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro da NORLA.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-536-5

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º: 393735/15

Karl Ove Knausgård

Um Homem Apaixonado

A Minha Luta: 2

Tradução de
Miguel Serras Pereira

Ficções

Durante os dias seguintes, foi como se o meu ritmo interior acelerasse. Corria, nadava, fazia tudo o que podia para conter o meu mal-estar, feito ao mesmo tempo de felicidade e de tristeza — mas era inútil. Sentia-me presa de uma agitação que parecia não esmorecer nunca, andava incessantemente de um lado para o outro por toda a cidade,

corria, nadava, ficava acordado à noite, não conseguia comer. Dissera que não, acabara-se, acabaria por passar.

A leitura era num sábado e eu decidira, entretanto, que não iria. Telefonei a Geir, perguntei-lhe se queria encontrar-se comigo na cidade, ele concordou, ficámos de estar às quatro no KB, parti rapidamente para a piscina de Eriksdal, passei mais de uma hora a nadar na piscina descoberta, era maravilhoso, o ar estava frio, a água era quente, caía do céu cinzento uma chuva miúda e não havia ninguém por perto. Nadei e fiz piscinas umas atrás das outras. Quando saí da água estava febril de tão exausto. Mudei-me, sentei-me ao ar livre a fumar um cigarro e pus-me, a seguir, a caminho do centro da cidade, de saco ao ombro.

Geir ainda não chegara quando entrei. Sentei-me a uma mesa junto à janela e pedi uma cerveja. Passados poucos minutos, Geir aparecia à minha frente e estendia-me a mão.

— Nada de novo? — perguntou ele, sentando-se.

— Sim e não — disse eu, e contei-lhe o que acontecera nos últimos dias.

— Tens de ser sempre extremamente dramático — disse ele. — Não és capaz de acalmar um bocado? As coisas não têm de ser tudo ou nada.

— Pois não — disse eu. — Mas, neste caso particular, são isso mesmo.

— Enviaste a carta?

— Não. Ainda não.

Nesse momento, recebi um SMS. Era de Linda.

Não te vi na leitura. Estavas lá?

Comecei a responder.

— Não podes fazer isso mais logo? — perguntou Geir.

— Não — disse eu.

Não pude ir. Correu bem?

Enviei a mensagem e levantei o meu copo na direcção de Geir.

— *Skål!* — disse eu.

— *Skål!* — disse ele.

Nova mensagem.

Senti a tua falta. Onde estás?

Sentira a minha falta?

O coração rufava-me no peito. Comecei a escrever a resposta.

— Acaba com isso — disse Geir. — Se não paras com isso, vou-me embora.

— É rápido — disse eu. — Espera aí.

Também sinto a tua falta. Estou no KB.

— É a Linda, não é? — disse Geir.

— É — respondi eu.

— Estás completamente transtornado — disse ele. — Não sei se já deste por isso. Quando entrei e te vi com esse ar, foi por pouco que não dei meia-volta e me pus a andar.

Nova mensagem.

Karl Ove, vem ter comigo. À Folkoperan. Espero aqui.

Levantei-me.

— Peço desculpa, Geir, mas tenho de ir.

— Agora mesmo?

— Sim.

— Vamos lá, homem. Ela pode com certeza esperar meia hora, que não morre por causa disso. Meti-me no metro para vir ter aqui contigo, achas que teria vindo até cá para beber qualquer coisa sozinho? Para isso, não precisava de sair de casa.

— Peço desculpa — disse eu. — Depois ligo-te.

Corri pela rua, meti-me num táxi, estive perto de gritar de impaciência diante dos semáforos, mas acabámos por chegar rapidamente à Folkoperan, paguei a bandeirada e entrei.

Linda estava sentada no rés-do-chão. Assim que a vi, soube que não havia pressa.

Sorriu.

— És muito rápido! — disse ela.

— Fiquei com a impressão de que era urgente.

— Não, não. Não, de maneira nenhuma.

Abracei-a e sentei-me.

— Queres beber alguma coisa? — perguntei eu.

— E tu, o que é que vais tomar?

— Não sei. Vinho tinto?

— Parece-me boa ideia.

Partilhámos uma garrafa de vinho, falámos disto e daquilo, de coisas sem importância, o que contava era tudo o mais que se passava entre nós, sempre que os nossos olhos se encontravam eu sentia um arrepio percorrer-me e, a seguir, um golpe surdo e pesado, que era o bater do meu coração.

— Está a haver uma festa no Vertigo — disse ela. — Não te apetece lá ir?

— De acordo. Parece-me boa ideia.

— Está lá o Stig Sæterbakken.

— Isso já não me parece tão boa ideia. Uma vez, desanquei-o numa crítica. E depois li uma entrevista em que ele dizia que guardava todas as críticas que o desancavam. A que eu escrevi deve ter sido uma das piores. Um artigo de página inteira no *Morgenbladet*. Houve depois um debate em que se atirou ao Tore e a mim. Chamou-nos Faldbakken e Faldbakken. Mas parece-me que isto não significa grande coisa para ti.

Ela sacudiu a cabeça.

— Podemos ir a algum outro lado, talvez?

— Não, não, por amor de Deus, isso não. Vamos lá a essa festa.

Quando saímos da Folkoperan começara a escurecer. O capacete de nuvens que toldara o céu durante todo o dia adensava-se.

Apanhámos um táxi. O Vertigo ficava numa cave, estava apinhado de gente, o ar pesava de calor e fumo, virei-me para Linda e disse-lhe que o melhor seria não ficarmos muito tempo.

— Este aqui não é o Knausgård? — ouvi uma voz dizer. Voltei a cabeça, Era Sæterbakken. Sorriu. — O Knausgård e eu somos inimigos — disse ele, e acrescentou, olhando para mim: — Não é verdade que somos?

— Eu não sou — disse eu.

— Não te ponhas agora a encolher-te — disse ele. — Mas tens razão. Vamos enterrar o assunto. Estou a escrever um romance e a tentar fazer como tu fizeste. Escrever um pouco mais ao teu estilo.

Valha-me Deus, pensei para comigo. Ele agora elogiava-me!

— Ah, não me digas! — disse eu. — Deve ser uma coisa interessante.

— Sim, muito interessante. Logo verás!

— Sim, depois falamos — disse eu.

— Combinado.

Fomos ao bar, pedimos gins-tónicos, descobrimos duas cadeiras livres e sentámo-nos. Linda conhecia muitas pessoas entre os presentes, ia falar a estes ou àqueles e, pouco depois, vinha ter de novo comigo. Eu estava cada vez mais bêbado, mas a boa disposição animada e descontraída que experimentara ao ver Linda na Folkoperan mantinha-se. Olhávamos um para o outro. Ela poisava a mão no meu ombro. Éramos um casal. Quando o seu olhar se cruzava com o meu enquanto conversava no meio da sala com outra pessoa, sorria-me. Éramos um casal.

Depois de termos passado ali já umas horas e de nos termos instalado em dois cadeirões numa sala mais pequena, nas traseiras do clube, Sæterbakken veio ter connosco e perguntou se podia massajar-nos os pés. Era uma coisa que sabia fazer muito bem, disse ele. — Os meus, não — disse eu. Linda descalçou os sapatos e pôs-lhe os pés em cima

dos joelhos. Ele começou a massajar-lhos e a friccionar-lhos enquanto a olhava nos olhos.

— Sou bom a fazer isto, não sou? — disse ele.

— Sim, é maravilhoso — disse Linda.

— Mas agora é a tua vez, Knausgård.

— Eu, não.

— Não sejas cobarde. Vamos lá, descalça os sapatos.

Acabei por fazer-lhe a vontade, descalcei-me e pus-lhe os pés em cima dos joelhos. As massagens, em si, eram agradáveis, mas a situação era, no mínimo, ambivalente e tornava-se difícil não interpretar como diabólico o sorriso fixo com que, enquanto me friccionava os pés, Stig Sæterbakken me olhava.

Quando a massagem terminou, fiz-lhe algumas perguntas acerca da sua última colectânea de ensaios sobre o problema do mal, após o que me levantei e deambulei de um lado para o outro, esvaziando copo atrás de copo, até que de relance descobri Linda, encostada a uma parede, na companhia de uma rapariga que eu já tinha encontrado na festa de Walpurgis. Hilda, Wilda? Merda, não. Era Gilda.

Linda era maravilhosamente bela.

E incrivelmente viva.

Poderia ela ser realmente minha?

Mal acabara de formular esse pensamento, o seu olhar encontrou o meu.

Linda sorriu-me e acenou-me com a mão.

Fui ter com ela.

O momento chegara.

Seria agora ou nunca.

Engoli em seco, poisei-lhe a mão no ombro.

— Esta é a Gilda — disse ela.

— Já nos conhecemos — disse Gilda com um sorriso.

— Anda, vamos — disse eu.

Ela lançou-me um olhar perplexo.

O brilho sombrio dos seus olhos.

— Agora?

Não respondi, mas peguei-lhe na mão.

Sem uma palavra, atravessámos a sala. Abrimos a porta e subimos os degraus. Chovia a cântaros.

— Já uma vez te tomei de parte — disse eu. — Dessa vez, não correu lá muito bem. E talvez hoje volte tudo a estragar-se. Tanto pior, se assim for. Mas quero dizer-te uma coisa. Uma coisa a teu respeito.

— A meu respeito? — disse ela, parando voltada para mim e levantando os olhos, com o cabelo já molhado e o rosto cintilante de gotas de chuva.

— Sim — disse eu.

E comecei, portanto, a dizer-lhe o que ela era para mim. Disse-lhe tudo o que escrevera na carta. Descrevi os seus lábios, os seus olhos, a sua maneira de andar, as palavras que usava mais vezes. Disse que a amava, embora não a conhecesse. Disse que queria estar com ela. Que era isso tudo o que queria.

Ela pôs-se em bicos de pés, levantou o rosto na direcção do meu e eu debrucei-me sobre ela e beijei-a.

Depois foi a escuridão completa.

Voltei a mim, com dois homens que me agarravam pelos pés e arrastavam pelo asfalto para me abrigarem num portal. Um deles falava pelo telemóvel e dizia: — Talvez seja droga, não sabemos. — A seguir, pararam e debruçaram-se sobre mim.

— Está consciente?

— Sim — disse eu. — Onde é que estou?

— À porta do Vertigo. Esteve a tomar drogas?

— Não.

— Como se chama?

— Karl Ove Knausgård. Julgo que desmaiei. Não há problema. Estou perfeitamente bem.

Vi Linda aproximar-se.

— Está consciente? — perguntou ela.

— Olá, Linda — disse eu. — O que é que se passou?

— Não precisam de vir — disse o homem do telemóvel. — Ele está bem. Está consciente e parece não ter nada.

— Julgo que desmaiaeste — disse Linda. — De repente, caíste.

— Oh! Valha-me Deus! — disse eu. — Peço desculpa.

— Não tens de pedir desculpa — disse ela. — As coisas que me disseste. Nunca ninguém me disse coisas tão bonitas a meu respeito.

— Sente-se bem? — perguntou um dos homens.

Fiz que sim com a cabeça e eles afastaram-se.

— Foi quando tu me beijaste — disse eu. — Foi como se uma coisa negra se tivesse disparado e me atingisse em cheio. E depois voltei a mim, aqui.

Levantei-me, dei uns quantos passos vacilantes.

— Provavelmente, o melhor que tenho a fazer é ir para casa — disse eu. — Mas tu podes ficar, se quiseres.

Ela riu-se.

— Vamos para minha casa. Vou tomar conta de ti.

— Adoro a ideia de tu tomares conta de mim — disse eu.

Ela sorriu e tirou um telemóvel do bolso do casaco. Os cabelos molhados colavam-se-lhe à testa. Examinei a minha roupa. Tinha as calças negras de tão encharcadas pela chuva. Passei a mão pelo cabelo.

— É bastante estranho, já não estou bêbado — disse eu. — Mas com uma fome danada.

— Quando foi que comeste pela última vez?

— Ontem, já não sei quando. Penso que deve ter sido de manhã.

No momento seguinte, ela ligou para a central de táxis, olhou para mim, disse onde estava e, daí a dez minutos, estávamos dentro do táxi, atravessando a chuva e a noite.

Ao despertar, não sabia onde estava. A seguir, vi ali Linda e lembrei-me de tudo. Aninhei-me contra ela, ela abriu os olhos, tornámos a fazer amor e foi tão perfeito, tão bom que eu soube com todo o meu ser que ela e eu nos amávamos, disse-lho — e era só isso que contava.

— Temos de ter filhos os dois — disse eu. — Era um crime contra a natureza não termos.

Ela riu.

— Estou a falar a sério — disse eu. — Tenho a certeza absoluta. Nunca senti nada de parecido.

Ela parou de rir e olhou para mim.

— Estás mesmo a falar a sério? — perguntou ela.

— Sim, estou — respondi eu. — Se não sentes a mesma coisa, é diferente. Mas eu sei que o sentes, também. Sinto-o em ti.

— Será real, tudo isto? — disse ela. — Estares aqui comigo, na minha cama, comigo, e dizeres-me que queres ter filhos comigo?

— Sim, e tu sentes a mesma coisa, não sentes?

Ela assentiu com um aceno da cabeça.

— Mas nunca o teria dito.